

A ESCATOLOGIA EM VLADIMIR SOLOVIEV *

Ludmilla Perepiolkina

(Universidade de Tampere — Finlândia)

“— Creio que o progresso tão evidente e acelerado, é, seguramente, o sintoma do fim.

— Fim de que ?

— Ora... desse mundo, cuja história caminha cada vez mais rápido e, estou certo, aproxima-se de seu desenlace”.

Encontramos esse diálogo em **Três Entretenimentos**, última obra do maior filósofo russo Vladimir Soloviev (1853 — 1900). Pensamos que nesse livro (seguido por **Breve Relato sobre o AntiCristo**) o pensamento russo atinge o seu ápice. A inspiração que o caracteriza não tem igual na nossa literatura, exceto talvez na **Lenda do Grande Inquisidor** de F. Dostoievski que foi, aliás, influenciado pelas idéias de Vladimir Soloviev, de quem seguiu os cursos e foi amigo.

É preciso ver na proximidade da morte, esse “pequeno apocalipse pessoal”, uma das explicações do genial pressentimento escatológico de Vladimir Soloviev ?

Três entretenimentos constituem o Apocalipse Russo, a última mensagem de Soloviev ao nosso século e a toda a humanidade. Escritos em 1900, têm ressonância hoje, quando o mal se materializa e concretiza cada vez mais.

Atualmente, 86 anos mais tarde, constata-se que muitas antecipações do filósofo foram realizadas.

Soloviev construiu um sistema de filosofia cristã no qual trata de “elevar a fé ao grau da consciência racional”. É o precursor de uma brilhante linhagem de pensadores russos dos séculos XIX e XX, tais como N. Berdiaeff, os padres Florenski e Gougakov, L. Chestov, Niloski, Eugène e Serge Troubetskoï, para citar só alguns... Contudo, Soloviev nunca se contentou com o papel de fundador da tradição independente do pensamento russo. Para ele a filosofia não era apenas teoria, mas também tarefa de vida. Em Vladimir Soloviev a especulação, a ética e a estética são inseparáveis. Isso é típico do pensamento e da arte russos: um constante impulso escatológico. As melhores obras filosóficas ou literárias russas transbordam seus limites e adquirem às vezes uma força quase teúrgica.

(*) Tradução de Constança Marcondes Cesar.

No fim de sua vida, Vladimir Soloviev vê que o mal não é somente uma "privatio" ou "omissio boni" (Sto. Agostinho), privado de substância, como pretendia a escolástica e como ele próprio esteve longamente inclinado a crer, numa espécie de otimismo moral. No prefácio de seu último livro ele pergunta: "O mal é (...) uma força efetiva que, usando a sedução, domina de tal sorte nosso mundo que para lutar vitoriosamente contra ela é preciso ter um ponto de apoio numa outra ordem de existência ? " O objetivo dessa obra é pois "desvelar a face enganadora atrás da qual se oculta o abismo do mal". Vê uma urgência imperiosa de fazê-lo e quer dirigir-se ao grande público. Para tanto escolhe a forma do diálogo platônico. Este, tendo um passado glorioso, permite-lhe expor com perfeita imparcialidade pontos de vista muitas vezes opostos. A questão da luta contra o mal e o sentido da história são apresentados segundo três abordagens, que dizem respeito ao passado, ao presente e ao futuro. As questões "malditas" são aqui tratadas, com vivacidade, por cinco personagens: a Dama, o General, o Homem político, o Senhor Z e o Príncipe.

Este livro é um admirável exemplo da reconciliação das antinomias: há uma verdade suprema e absoluta, mas as condições prévias ao seu surgimento não podem ser absolutizadas, caso contrário isso conduz ao maior pecado, o pecado do espírito. Assim, tanto o General, que faz a apologia da guerra, quanto seu adversário, o Homem político, que reclama a política pacífica "à luz da verdade suprema", têm razão. Porque o gládio guerreiro e a pena diplomática devem ser considerados em seu justo valor, contanto que utilizados como instrumento do bem. O exemplo histórico o ilustra: "O santo metropolitano Alexis, quando pacificamente tomava a defesa dos príncipes russos diante da Horda, assim como São Sérgio, quando benzia as armas de Dimitri Donskoi contra a mesma Horda, serviam igualmente um só e mesmo bem que reveste formas e aspectos múltiplos".

Vladimir Soloviev desafia o moralismo abstrato da não-violência que pode reduzir-se ao seguinte silogismo: "todo assassinato é um mal absoluto; a guerra é assassinato; logo, a guerra é um mal absoluto". A fim de refutar tal absolutização, o General conta ter experimentado uma completa satisfação moral no dia em que exterminou mais de mil Bachi-Bouzouks que devastavam as pacíficas aldeias armênicas e faziam queimar vivas criancinhas a fogo lento, à vista de suas mães aprisionadas.

A guerra pode ser cristãmente louvável quando se trata da defesa de uma causa justa. Pode existir uma "guerra boa" quando se ajuda o fraco e reprime-se o mal, assim como é possível "uma paz má", fundada na "confusão e reunião externa daquilo que, interiormente, está em guerra".

Os pseudo-cristãos afirmam que o mal não tem força própria e que ele só subsiste por nossa resistência. Mas se o mal não tem existência real, como explicar “o espantoso insucesso da missão do Cristo na História?”, pergunta Soloviev. Por que o Cristo não agiu nas almas de Judas, Herodes, dos grandes sacerdotes judeus, para impedir o crime?

Não, o mal existe na realidade, diz ele. Existe o **mal individual** que se manifesta como a predominância das más paixões. Existe o **mal social**: “reside no fato de que a massa humana, escravizada individualmente ao mal, opõe-se aos esforços salutares dos melhores (...) e os vence”. E no homem existe o **mal físico** que “consiste no fato de que os elementos materiais inferiores do corpo opõe-se à força viva e luminosa que os reúne na magnífica forma do organismo; de que se oponha a esta forma e a quebra, destruindo o embasamento real de tudo o que é superior. É o mal extremo, que tem o nome de morte”.

E recordando-se, sem dúvida, da famosa palavra de Dostoiévski — “o lugar da luta entre Deus e o diabo é o coração dos homens” — Soloviev replica e diz que “a luta do bem e do mal não se desenrola apenas na alma e na sociedade, mas também, profundamente, no mundo físico”. “Se a potência do mal é confirmada pelo império da morte, a potência do bem, ao contrário, seria desmentida pela morte”. Assim, só nos resta um recurso: a ressurreição de todos após a vitória sobre o mal extremo, a morte, efetuada pelo Único, que foi atestada **historicamente**. Sem a abolição da morte, o reino de Deus sobre a terra é só um “eufemismo para designar o reino da morte”.

Contudo, “os progressistas” que na obra são representados pelo Homem político e o Príncipe, qualificam isso de mitologia. Para eles o Cristo morreu, sem nunca ter ressuscitado. Tem “a alegria de pensar que apesar de tudo a razão triunfará”. “Mas que alegrias e que triunfos sairão daí, veremos!” retorque o Senhor Z, porta-voz de Soloviev.

O Político exalta a floração das ciências, da cultura. Vê o sentido da história na educação dos povos bárbaros e na criação de um único conjunto mundial que seria “pacífico, internacional e solidário”. A humanidade torna-se cada vez mais civilizada. A política pacífica é o sintoma do progresso, afirma. Mas o próprio progresso é um sintoma, responde-lhe o Senhor Z. Tal política é somente a sombra da sombra. Em vez de louvar esta humanidade educada, não valeria mais dizer-lhe francamente aquilo que um monge declarava a uma senhora piedosa: “És velha, frágil e nunca valerás mais”?

Na verdade “o progresso é o sintoma do fim, do fim do mundo”, onde o Anticristo representará um papel considerável.

Soloviev fecha os **Entretenimentos** pela leitura, feita pelo Senhor Z., do **Breve Relato sobre o Anticristo**, cujo manuscrito é atribuído

a um monge morte, Pansophius. A antecipação escatológica é aqui apresentada retrospectivamente, como se se tratasse de acontecimentos já ocorridos.

A narrativa sobre o Anticristo é uma transposição do Apocalipse. Vladimir Soloviev a escreveu apoiando-se nas Escrituras e nos Padres da Igreja. Esse texto comporta também traços que expõem sua visão pessoal. Soloviev esclarece que não se trata da "catástrofe geral do universo, mas somente do desenlace de nosso processo histórico, cujos elementos são a aparição, a exaltação e a queda do Anticristo". Fala aí da evolução em direção ao mal e da sedução pelo mal ao longo dos últimos atos da tragédia humana.

Observando a sociedade de seu tempo, Vladimir Soloviev constata que as idéias de três mestres do pensamento, Marx, Tolstoi e Nietzsche, exerceram nela uma influência nefasta. Assim, suas últimas obras contêm, entre outras, uma crítica dessas três doutrinas.

Vladimir Soloviev considerava o materialismo econômico de Marx como a doutrina mais vulnerável e não se dignou a demorar-se mais longamente sobre essa teoria da "igualdade da sociedade geral".

Quanto ao ensinamento de Nietzsche, "Ich lehre euch den Uebermensch!"*, Soloviev o qualifica de retórica filológica. Contudo reconhece que a idéia do super-homem contém em si uma certa verdade, o que a torna atrativa e perigosa. Esta idéia não é nova, diz Soloviev. O apóstolo Paulo falou dela aos atenienses (Atos dos Apóstolos, XVII). De fato, o homem está chamado a tornar-se mais que homem; deve superar-se aspirando, através da perfeição moral, à transfiguração e à divinização de sua natureza humana.

Mas o homem não pode vencer sozinho a morte. Nietzsche quer substituir o verdadeiro Super-homem, o Cristo ressuscitado, por um super-homem artificial cuja eloquência é incapaz de abolir a morte. O pensador russo considera o super-homem Nietzscheano como o precursor do Anticristo.

No que concerne à idéia de **não-resistência ao mal** de Tolstoi, VI. Soloviev acha que essa doutrina é a mais perniciosa de todas, por causa de sua aparente moralidade. A não-resistência ao mal prepara o terreno para o advento das forças anticristicas.

O tema principal da mensagem escatológica de Soloviev é a **falsificação do bem** (ademais, o prefácio dos **Entretimentos** intitulava-se inicialmente assim). Nos seus últimos escritos, reprova a famosa frase de Dostoievski, em virtude de seu componente de dúvida: "Se me provassem

(*) "Ensino-vos o Superhomem I", Em alemão no original.

que o Cristo está fora da verdade, preferiria ficar com o Cristo do que com a verdade”.

Vladimir Soloviev mostra que o mal, para se apossar deste mundo, assume a máscara do bem e até mesmo de piedade e que triunfa trazendo tudo aquilo a que a humanidade aspirou, desde sempre: a paz, a sociedade geral, a igualdade.

O Anticristo consegue **reunir** toda a humanidade, faz a unificação universal, uma espécie de teocracia às avessas. Assistimos a uma grande apostasia que ganha até mesmo os eleitos. Resta apenas um punhado de cristãos. A verdadeira união das Igrejas faz-se secretamente na obscuridade noturna do deserto, exatamente no fim dos tempos. E o Reino de Deus não é possível nos limites da história empírica. Mas segue-se que esta antecipação escatológica de Soloviev esbarra no pessimismo, como pretendem alguns de seus exegetas? Contrariamente a essa opinião, penso que esta obra é cheia de esperança. Ensina-nos que o Reino de Deus é uma obra divino-humana cuja realização depende dos esforços conjugados de Deus e do homem. Trata-se de uma escatologia ativa na qual o homem é chamado a tornar-se um receptáculo espiritual de Deus. Ao longo dos **Três Entretenimentos**, VI. Soloviev não cessa de falar da necessidade imperiosa da resistência ao mal. Ensina-nos a discernir a impostura religiosa e moral.

Mesmo se o drama histórico está decidido antecipadamente, termina com a vinda do Cristo. A Parusia se acompanha pela ressurreição dos mortos. O mal ontológico, o mal supremo que é a morte, é vencido pelo verdadeiro Filantropo — o Cristo. O fim da história é o cumprimento da promessa do Deus a Seus fiéis.

“Christos vosKresse! Cristo ressuscitou!”: esta proclamação pascal da Igreja Ortodoxa é o centro da vida espiritual de Soloviev e de sua mensagem escatológica.

Quero acrescentar algumas palavras que concernem especialmente a este Congresso* cujo título é o **Futuro**. Observa-se presentemente uma dispersão do pensamento humano nas falsas problemáticas; o espírito humano se exerce freqüentemente nas pseudociências que o afastam da realidade trágica. O futuro da filosofia reside na “acrobacia intelectual” ou, antes de mais nada, no premunir o homem moderno espiritual e intelectualmente, em prepará-lo para o combate apocalíptico? Tem-se a impressão de que se relega a escatologia no domínio pessimista da metafísica. Ora, “apocalíptico” ou “escatológico” não são necessariamente sinônimos de “sinistro”, como se pretende. É um preconceito filosófico de que seria bom nos desfazer-nos, hoje.

(*) A autora refere-se ao Congresso Internacional das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa, realizado em Atenas em 1986 e no qual foi apresentada uma versão mais ampla do trabalho.

A obra messiânica de Vladimir Soloviev da qual tantas antecipações tornaram-se realidade, prova-nos que a filosofia tem um futuro diante dela. Esta nobre ciência, este "amor à sabedoria" pode ser uma grande auxiliar ajuda para os que sabem escutar. Pode auxiliar os homens a reduzir o passo da corrida suicida. A filosofia pode mesmo fazer alguns mudar de direção.

Vê-se em toda a parte erguer-se as cabeças da besta apocalíptica, que deseja banalizar o blasfemo. Para fazer face a isso, é preciso duplicar nossas forças.

O futuro da filosofia não está na mobilização da forças do bem ?

NOTAS

As citações desse texto foram traduzidas pela autora, do original russo **Tri Razgovora** de Vladimir Soloviev; de suas cartas e artigos que se encontram nos tomos IX, X, XI, XII e do livro de sua correspondência, Edição Foyer Oriental Chretien, Bruxelas 5. Foram também tiradas da tradução admirável desta obra, feita pela Editora O.E.I.L. de Paris.

Para os que se interessam por Vl. Soloviev, a autora assinala um livro notável de Dimitri Strémoukhoff **Vladimir Soloviev e sua obra messiânica**, editada por L'Âge d'Homme, Lausanne.